

Universidade Federal
de Campina Grande

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE ARTE E MÍDIA
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

RIAN ILDEFONSO TAVARES

JORNALISMO EDUCOMUNICATIVO E CULTURA POPULAR: A ATUAÇÃO DO REPÓRTER EDUCOM NO SÃO JOÃO DE CAMPINA GRANDE (PB)

CAMPINA GRANDE - PB
2026

RIAN ILDEFONSO TAVARES

JORNALISMO EDUCOMUNICATIVO E CULTURA POPULAR: A ATUAÇÃO DO REPÓRTER EDUCOM NO SÃO JOÃO DE CAMPINA GRANDE (PB)

Monografia apresentada à componente curricular “Trabalho de Conclusão de Curso” da Unidade Acadêmica de Arte e Mídia da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, com linha de formação em Educomunicação.

Orientadora: Profª. Mª. Bruna Raquel Couto de Farias Carneiro

CAMPINA GRANDE - PB
2026

Universidade Federal de Campina Grande - UFCG
Sistema de Bibliotecas - SISTEMOTECA
Catalogação de Publicação na Fonte. UFCG - Biblioteca Central

T231j Tavares, Rian Ildefonso.

Jornalismo educomunicativo e cultura popular: a atuação do repórter educom no São João de Campina Grande (PB) / Rian Ildefonso Tavares. – Campina Grande, 2026.

44 f.

Monografia (Bacharelado em Comunicação Social – Formação em Educomunicação) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2026.

"Orientação: Profa. Ma. Bruna Raquel Couto de Farias Carneiro".

Referências.

1. Cultura Popular. 2. Jornalismo Educomunicativo - Campina Grande (PB). 3. Repórter EDUCOM. 4. São João de Campina Grande (PB). I. Carneiro, Bruna Raquel Couto de Farias. II. Título.

CDU 316.77:398(043)

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECÁRIA DILENE DE FÁTIMA DE LIMA PAULO CRB-15/048

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES - UNIDADE ACADÊMICA DE ARTES
BACHARELADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL/ EDUCOMUNICAÇÃO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ATA DE DEFESA 2025.2

TÍTULO DO TRABALHO: **JORNALISMO EDUCOMUNICATIVO E CULTURA POPULAR: A ATUAÇÃO DO REPÓRTER EDUCOM NO SÃO JOÃO DE CAMPINA GRANDE (PB)**

DISCENTE (S) AVALIADO (S)/A (S): RIAN ILDEFONSO TAVARES

DOCENTE ORIENTADOR/A: PROFA. MA. BRUNA RAQUEL COUTO DE FARIAS CARNEIRO
SALA VIRTUAL: Google Meet **HORÁRIO: 14H30**

LINK: https://meet.google.com/oop-spfs-nms

QUADRO SOMATÓRIO

AVALIADORES/AS	**SITUAÇÃO**
Avaliador/a 1 – PROF.ª Mª. BRUNA RAQUEL COUTO DE FARIAS CARNEIRO	Aprovado
Avaliador/a 2 – PROFª. DRª. MARINA MAGALHÃES DE MORAIS	Aprovado
Avaliador/a 3 – PROF. DR. ROSILDO RAIMUNDO DE BRITO	Aprovado
CONCEITO FINAL DO TCC	Aprovado com distinção

DESCRIÇÃO DA ATA:

No dia 20 de março de 2026, às 14:30, o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), foi apresentado em sessão pública e avaliado pela banca composta pelos professores Mª. Bruna Raquel Couto de Farias Carneiro, Drª. Marina Magalhães De Morais e Dr. Rosildo Raimundo de Brito. O aluno **Rian Ildefonso Tavares,** foi aprovado com distinção, com algumas solicitações de correções às adequações das normas da ABNT e breve revisão textual para submissão à publicação final para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social/ Educomunicação.

CAMPINA GRANDE, 20 de março de 2026

ASSINATURAS

gov.br Documento assinado digitalmente
BRUNA RAQUEL COUTO DE FARIAS CARNEIRO
Data: 20/03/2026 19:34:08-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

gov.br Documento assinado digitalmente
MARINA MAGALHAES DE MORAIS
Data: 20/03/2026 23:05:26-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

gov.br Documento assinado digitalmente
ROSILDO RAIMUNDO DE BRITO
Data: 21/03/2026 10:56:19-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à criança que um dia fui.
Ao menino que sonhava e que muitas vezes sentiu medo, mas que nunca deixou de seguir em frente, enfrentando desafios que o ensinaram a crescer, a perseverar e a acreditar em si mesmo. Talvez ele não imaginasse chegar até aqui e hoje posso dizer com orgulho: nós conseguimos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, por me conceder força, saúde e sabedoria para enfrentar os desafios ao longo dessa caminhada acadêmica e por me permitir chegar até aqui.

Agradeço com muito amor à minha família, que sempre esteve ao meu lado em todos os momentos, sendo meus maiores incentivadores, e foram fundamentais para que eu não desistisse diante mesmo com tantas dificuldades. Cada conquista minha também é resultado do cuidado e da confiança que vocês depositaram em mim.

De forma especial, deixo minha eterna gratidão à minha avó (in memoriam), que sempre foi sinônimo de força e exemplo. Mesmo não estando mais aqui, sei que sua influência e seu amor fizeram parte de cada passo que dei até chegar a esta conquista.

Agradeço também aos meus professores da Universidade Federal de Campina Grande, que contribuíram significativamente para a minha formação acadêmica e profissional, compartilhando conhecimentos, experiências e reflexões importantes ao longo dessa trajetória.

Em especial, agradeço à minha orientadora Bruna Raquel, pela orientação, paciência, dedicação e pelas contribuições essenciais para a realização deste trabalho. Sua orientação foi fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa, e sou muito grato por ter tido a oportunidade de aprender e construir este trabalho sob sua orientação.

Às minhas meninas do “terceirão pra vida”, por sempre acreditarem em mim, mesmo quando eu duvidava de mim mesmo. Pelas risadas, pelos puxões de orelhas, pelos momentos de descontração que deixaram a caminhada mais leve e divertida. Obrigado por estarem comigo e fazerem parte da minha história.

Aos meus colegas e amigos feitos nessa caminhada acadêmica, que compartilharam momentos de aprendizado, desafios e risadas que tornaram essa jornada mais leve, deixo também minha gratidão.

Por fim, deixo aqui minha gratidão a todos que, de alguma forma, seja direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho. Cada apoio, incentivo e colaboração foram fundamentais não só para a construção desta pesquisa, mas também para que eu pudesse chegar até aqui e concluir mais uma etapa tão importante da minha vida.

RESUMO

O presente trabalho busca analisar a representação jornalística da cultura popular no “Maior São João do Mundo”, realizado em Campina Grande, no Agreste paraibano, a partir da cobertura produzida pelo projeto universitário Repórter Educom, uma ação de extensão universitária da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), vinculada ao Programa JusCidadã. O estudo tem como objetivo compreender como o jornalismo educomunicativo contribui para uma abordagem mais participativa, crítica e cidadã da cultura nordestina, contrapondo-se ao modelo hegemônico das mídias convencionais. A metodologia combina a Análise de Conteúdo, a pesquisa participante e a entrevista em profundidade, permitindo compreender como o jornalismo educomunicativo aborda a cultura popular nordestina, e por fim, os resultados contribuem para o debate sobre o papel do jornalismo na preservação e no fortalecimento da cultura popular.

Palavras-chave: Cultura popular. Jornalismo educomunicativo. Campina Grande. Repórter Educom. São João de Campina Grande.

ABSTRACT

This paper seeks to analyze the journalistic representation of popular culture in the "Biggest São João in the World," held in Campina Grande, in the Paraíba hinterland, based on the coverage produced by the university project Repórter Educom, a university extension activity of the Federal University of Campina Grande (UFCG), linked to the JusCidadã Program. The study aims to understand how educommunicative journalism contributes to a more participatory, critical, and citizen-oriented approach to Northeastern culture, contrasting with the hegemonic model of conventional media. The methodology combines Content Analysis, participatory research, and in-depth interviews, allowing us to understand how educommunicative journalism addresses Northeastern popular culture, and finally, the results contribute to the debate on the role of journalism in the preservation and strengthening of popular culture.

Keywords: Popular culture. Educommunicative journalism. Campina Grande. Repórter Educom. Saint John of Campina Grande.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO..... 1

2. CULTURA POPULAR E IDENTIDADE NORDESTINA..... 2

2.1 Origens históricas da cultura popular no Nordeste..... 2

2.2 Os festejos juninos e sua importância sociocultural.....4

3. CULTURA, REPRESENTAÇÃO E DISCURSO NA MÍDIA NORDESTINA.....7

3.1 A Construção Histórica do Maior São João do Mundo..... 7

3.2 O papel da mídia na representação da cultura popular.....9

4. EDUCOMUNICAÇÃO E O PAPEL DO REPÓRTER EDUCOM..... 11

4.1 O conceito de Educomunicação..... 11

4.2 Jornalismo Educomunicativo..... 14

4.3 O projeto Repórter Educom: origem, objetivos e formato.....15

5. METODOLOGIA..... 18

5.1 A produção do Repórter Educom no São João de Campina Grande 2025.....19

5.1.1 Patrimônio Cultural Imaterial (Eixo I).....21

5.1.2 Patrimônio Cultural Material (Eixo II).....25

5.2 Relato da produção - Discussão e resultados..... 26

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 29

REFERÊNCIAS..... 32

APÊNDICE A — QUESTIONÁRIO APLICADO AOS DOCENTES SOBRE A ATUAÇÃO DO REPÓRTER EDUCOM.....35

1. INTRODUÇÃO

Compreender a cultura popular é essencial para entender as identidades regionais do Brasil, pois ela sintetiza a história, os valores, os estilos de vida e as expressões artísticas que caracterizam cada comunidade. No Nordeste, especialmente em Campina Grande/PB, o São João se tornou uma das celebrações culturais mais expressivas do país, um fenômeno que transcende a esfera local e alcança dimensões sociais, midiáticas e econômicas. Nesse contexto, a forma como a mídia representa esse evento assume grande importância, uma vez que pode reforçar estereótipos historicamente associados ao Nordeste ou, inversamente, contribuir para a valorização das identidades, narrativas e saberes populares, configurando um contexto que pode ser analisado academicamente em pesquisas científicas.

A escolha deste tema justifica-se pela necessidade de compreender como a cultura popular nordestina é retratada em produções jornalísticas que buscam novas formas de narrar o São João de Campina Grande, especialmente no contexto do "Maior São João do mundo". O Projeto de extensão universitário Repórter Educom, vinculado ao Programa de Extensão JusCidadã, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), do curso de Educomunicação, ao adotar princípios educomunicativos, oferece uma perspectiva diferenciada de cobertura que valoriza vozes locais, dimensões educativas e práticas participativas de comunicação. Enquanto alguns meios de comunicação tendem a enfatizar o espetáculo, os grandes eventos e suas dinâmicas econômicas, o jornalismo Educomunicativo busca promover uma perspectiva mais sensível, pluralista e crítica, capaz de destacar elementos de pertencimento, identidade e resistência cultural.

Diante disso, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar, de forma descritiva, como o Repórter Educom representou a Cultura Popular nordestina na cobertura da 42ª edição d'O Maior São João do Mundo. Como objetivos específicos, pretende-se: conceituar os fundamentos da Educomunicação, sua relação com o jornalismo e a cultura popular; identificar e descrever o modelo de cobertura adotado pelo Repórter Educom; analisar os enquadramentos, temáticas e narrativas presentes nas produções do projeto; e compreender de que maneira o Repórter Educom valoriza elementos da Cultura Popular por meio de suas práticas jornalísticas educomunicativas.

Com base nessa análise, busca-se contribuir para o debate acerca do papel do jornalismo na preservação e valorização da cultura nordestina, destacando o potencial transformador de abordagens comunicativas mais críticas, inclusivas e sensíveis ao contexto sociocultural. Para isso, a pesquisa adota como metodologia a Análise de Conteúdo, aliada à

pesquisa participante e à entrevista em profundidade. O corpus é composto por dez matérias produzidas pelo projeto Repórter Educom durante a cobertura do São João de Campina Grande. Quanto à organização do trabalho, ele está estruturado em seis capítulos: o primeiro apresenta a introdução; o segundo discute a cultura popular e o São João; o terceiro aborda a relação entre cultura, representação e mídia; o quarto trata da Educomunicação e do jornalismo, com foco no projeto Repórter Educom; o quinto apresenta a metodologia e os procedimentos de análise; e, por fim, o sexto traz as considerações finais.

2. CULTURA POPULAR E IDENTIDADE NORDESTINA

2.1 Origens históricas da cultura popular no Nordeste

Para o teórico e sociólogo Hall (2006), a cultura "é um discurso — um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos". Essa perspectiva evidencia que a cultura não se limita a tradições, rituais ou expressões artísticas isoladas, ela atravessa a forma como os indivíduos se reconhecem, constroem pertencimentos e interpretam o mundo ao seu redor. Assim, compreender a cultura é compreender os significados que estruturam modos de vida e identidades coletivas, perspectiva fundamental para analisar as origens da cultura popular no Nordeste, uma vez que a região se constituiu historicamente a partir da circulação de sentidos, memórias e práticas simbólicas elaboradas pelas populações que a habitaram.

A reflexão sobre cultura popular, entretanto, envolve um campo amplo e marcado por disputas conceituais. Como aponta Arantes (1981, p.16), ainda há muitos pesquisadores que associam "a cultura popular como 'folclore', ou seja, como "um conjunto de objetos, práticas e concepções (sobretudo religiosas e estéticas) consideradas 'tradicionais'". Embora essa definição seja importante na história dos estudos culturais, ela acaba retratando a cultura popular como algo fixo, como se suas práticas fossem apenas tradições a serem preservadas, sem mudanças ao longo do tempo. No entanto, ao observar a formação cultural nordestina, essa compreensão se mostra limitada, já que a cultura popular no Nordeste surgiu do encontro de várias culturas e sempre foi marcada por processos de adaptação, resistência e reinvenção cotidiana.

Desde o período colonial, o Nordeste brasileiro se constituiu como um espaço de forte resistência cultural, firmando-se como um centro de identidades autênticas que permanecem vivas até os dias atuais. Nesse sentido, conforme explica Penna (1992), a identidade cultural

nordestina é resultado do encontro e da convivência entre diferentes matrizes, indígena, africana e europeia, que se misturam e se ressignificam continuamente, originando uma cultura marcada pelo sincretismo e pela criatividade popular. Essa fusão cultural se manifesta nas práticas religiosas, na música, na culinária e nas expressões artísticas que compõem o repertório simbólico do povo nordestino, tornando-se um dos principais pilares de sua identidade coletiva.

Contudo, essa identidade não surgiu de forma espontânea, ela foi construída historicamente, atravessando fatores sociais, econômicos e simbólicos. Ainda como ressalta Penna (1992, p.18), "faz-se necessário [...] resgatar em sua complexidade a 'existência' do Nordeste, desvendando os processos de constituição da região, o que passa necessariamente pelos efeitos da ação do Estado, dos processos econômicos e do regionalismo nordestino". Essa visão destaca que o Nordeste é uma construção histórica, resultado de práticas sociais e discursos que transformaram a concepção da região em um referencial simbólico de pertencimento e resistência cultural, moldado por condições materiais e representações que, ao longo dos séculos, consolidaram um sentimento coletivo de identidade.

Essa combinação de histórias e tradições culturais, no entanto, não deve ser lida sob a ótica de uma identidade cultural nordestina fixa. Ainda em diálogo com o pensamento do teórico cultural Hall (2006), é essencial compreender que as identidades são processos históricos e discursivos, e não essências naturais ou estáveis. Hall explica que o sujeito contemporâneo vive um constante deslocamento de pertencimentos e sentidos, o que torna a identidade uma construção em permanente transformação:

> Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma 'celebração móvel': formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. [...] A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (Hall, 2006, pp.12-13)

A partir dessa perspectiva, a identidade cultural nordestina deve ser compreendida como um processo dinâmico de construção simbólica, atravessado por memórias, resistências e reproduções contínuas. Ela não representa um traço fixo do povo nordestino, mas sim uma narrativa em movimento, constantemente atualizada pelas práticas culturais, pelos discursos midiáticos e pelas formas de representação que evidenciam sua pluralidade. Essas manifestações constituem um patrimônio cultural em constante transformação, revelando a

força das memórias coletivas e uma identidade que se reinventa, permanecendo viva na experiência cotidiana e nas práticas sociais da comunidade.

2.2 Os festejos juninos e sua importância sociocultural

A cultura popular nordestina é uma base essencial para a formação identitária do Brasil, pois suas manifestações culturais expressam não apenas a alegria do povo, mas também sua resistência, religiosidade e a capacidade de reinventar tradições diante das transformações históricas. Entre essas manifestações ricas e diversas, os festejos juninos se destacam como um dos maiores símbolos da cultura regional.

As festas juninas ocupam um lugar singular na cultura brasileira e, todos os anos, com a chegada do mês de junho, símbolos como a sanfona, fogueiras, as bandeirolas e os festejos populares retomam um papel de destaque no imaginário social. No Nordeste, especialmente na cidade de Campina Grande, agreste do estado da Paraíba, essa celebração consolidou-se historicamente, associando-se ao calendário católico e à devoção popular a santos como Santo Antônio, São João e São Pedro.

A festividade do São João em Campina Grande possui uma base histórica que vem desde o período colonial. Conforme a antropóloga Rangel (2008), a celebração, originalmente chamada de "São Joanina", representa uma fusão de tradições europeias e indígenas. Essas práticas foram introduzidas pelos colonizadores portugueses e estão relacionadas às festividades pagãs da Europa, historicamente ligadas ao solstício de verão e aos ciclos de colheita. O dia 24 de junho e sua véspera permanecem como momentos de celebração, relacionados ao solstício e aos eventos agrícolas e climáticos, mas com o tempo passaram a alternar entre rituais religiosos e formas de entretenimento. Nesse sentido, Castro (2012, p.21) observa que, "no passado, as festas consideradas sagradas tinham a função de renovar os vínculos entre os fiéis e a divindade, enquanto as festas profanas serviam para divertir, entreter ou, em alguns casos, transgredir a ordem social estabelecida".

A celebração junina brasileira é o resultado da absorção de elementos das festividades europeias em homenagem a São João, particularmente as de Portugal, que incluem práticas como as danças de quadrilha, a fogueira, as comidas típicas e as músicas folclóricas. No entanto, ao longo dos séculos, esta celebração evoluiu, adaptando-se ao contexto local e integrando aspectos das culturas indígena e africana, o que a transformou em uma manifestação cultural genuinamente brasileira.

> Quando os portugueses iniciaram o empreendimento colonial no Brasil, a partir de 1500, as festas de São João eram o centro das comemorações de junho. Alguns

> cronistas contam que os jesuítas acendiam fogueiras e tochas em junho, provocando grande atração sobre os indígenas. No Brasil essa época coincidia com a realização dos rituais mais importantes para os povos que aqui viviam referentes à preparação dos novos plantios e às colheitas (Rangel, 2008, p.21)

Ao longo do tempo, as festas juninas transcenderam seu caráter religioso, tornando-se também um importante motor econômico e social para as localidades do Nordeste brasileiro, no qual as festas juninas ganharam uma nova e profunda dimensão, transformadas em um dos maiores e mais autênticos espetáculos culturais da região, assumindo um papel de extrema relevância no calendário social e econômico.

Estes festejos são o palco onde a identidade nordestina se manifesta em toda a sua riqueza, no qual a cultura popular é exaltada através do forró, do ritmo que embala as quadrilhas e as noites das festas de São João, das comidas típicas à base de milho (pamonha, canjica, bolo de milho) e do artesanato que decora as ruas e as casas. As quadrilhas juninas, em particular, evoluíram de simples danças rurais para complexas e coloridas apresentações coreográficas que envolvem milhares de participantes e mobilizam comunidades inteiras em competições anuais.

Além do aspecto festivo e de entretenimento, a importância sociocultural das festas juninas reside na sua capacidade de reunir e fortalecer os laços comunitários, ajudando a unir as pessoas, manter vivas tradições antigas e passar conhecimentos de uma geração para outra. Economicamente, elas dão um grande impulso ao turismo e ao comércio da região, gerando emprego e renda para milhões de pessoas, desde artistas e músicos até pequenos produtores rurais e comerciantes, ampliando a visibilidade das cidades e fortalecendo cadeias produtivas locais.

Essa importância é refletida nos dados recentes de grandes polos do Nordeste. Segundo uma matéria publicada no site da *CNN Brasil*[1], em 2025, estimativas nacionais sugeriram que o ciclo junino poderia movimentar cerca de R$ 7,4 bilhões no país, com o Nordeste sendo uma das regiões mais impactadas. Cidades como Caruaru, localizada no Agreste pernambucano, também registram forte impacto econômico durante o ciclo junino. Só em 2025, Caruaru realizou uma festa com mais de dois meses de duração e movimentou mais de R$ 737 milhões, segundo dados divulgados pela prefeitura local. Ainda de acordo com a gestão municipal, o evento gerou mais de 20 mil empregos diretos e indiretos apenas no mês de junho, resultado do aumento da demanda por serviços, comércio e atividades culturais. Desse total, 82,85% das contratações foram feitas por meio de edital público,

[1] CNN BRASIL. Festas juninas devem movimentar R$ 7,4 bilhões, com maior impacto no Nordeste. CNN Brasil, s.d. Disponível em: https://sl1nk.com/8jPhy. Acesso em: 7 fev. 2026.

garantindo transparência e participação da comunidade artística. Além disso, 72,73% dos artistas eram residentes de Caruaru e 81,38% estavam ligados ao forró, reforçando o compromisso da festa com a valorização da cultura local.

Já em Petrolina (PE), o destaque está na duração do ciclo junino. Em 2025, a cidade realizou cerca de 66 dias de programação, distribuídos entre os distritos e o palco principal. Esse calendário mais longo manteve o fluxo de turistas por mais tempo e ajudou a movimentar setores como hospedagem, transporte, alimentação e comércio. Em Sergipe, o ciclo junino de 2025 registrou mais de 2,5 milhões de visitantes com o “Arraiá do Povo", em Aracaju, como principal atração. O impacto econômico no estado foi alto, as festas geraram empregos temporários, ampliaram a visibilidade turística e reforçaram a valorização da cultura local.

Dentro deste cenário de exaltação cultural, a cidade de Campina Grande, na Paraíba, emerge como o epicentro de uma das maiores e mais midiáticas festividades do calendário nacional: O Maior São João do Mundo. Segundo Lima (2008) Ao longo de décadas, este evento cresceu, transformando o local historicamente conhecido como Coqueiros de Zé Rodrigues em um gigantesco palco para shows e um motor robusto para a economia regional.

> No último ano da administração do então prefeito Enivaldo Ribeiro, em 1982, ocorre à desapropriação de uma grande área anexa ao Parque do Açude Novo, chamado de “Coqueiros de Zé Rodrigues” e é em parte dessa área que é construída e inaugurada por este administrador o Centro Cultural; só que uma grande área, de quase 25.000 metros quadrados, fica ociosa e é exatamente nesse espaço que o prefeito Ronaldo José da Cunha Lima monta o “Palhoção” para realizar o que os organizadores da montagem da festa e a mídia irão denominar de “O Maior São João do País. (Lima, 2008, p.56)

Com o crescimento do evento ao longo dos anos, essa área destinada à festa foi sendo ampliada e reconfigurada, consolidando-se como o Parque do Povo, espaço que passou a concentrar as principais atividades do São João, enquanto o Centro Cultural manteve funções próprias no contexto urbano e cultural da cidade.

Neste contexto, o São João de Campina Grande transita entre duas realidades: a da tradição autêntica (presente nas pequenas ilhas de forró, nas quadrilhas juninas de bairro e nas narrativas dos brincantes) e a do produto mercadológico (pautado por grandes patrocínios, altos cachês de artistas nacionais e uma cobertura midiática que prioriza os números e os recordes). Sob essa perspectiva, destaca-se ainda a consolidação de parcerias público-privadas, que viabilizam a estrutura e a realização do evento em larga escala, reforçando sua dimensão empresarial e sua inserção na lógica do mercado cultural.

3. CULTURA, REPRESENTAÇÃO E DISCURSO NA MÍDIA NORDESTINA

3.1 A Construção Histórica do Maior São João do Mundo

A história do São João de Campina Grande, município localizado no Agreste da Paraíba, mostra como uma festa popular simples se transformou em um grande evento de caráter regional e nacional. As origens deste fenômeno festivo vêm das décadas de 1960 e 1970, período em que os festejos juninos se desenvolviam de maneira tradicional e descentralizada, caracterizando-se pela organização popular e comunitária, sobretudo nos bairros da cidade.

A principal mudança ocorreu a partir da década de 1980, quando se iniciou uma virada no modelo de organização da festa, impulsionada pelo apoio da gestão pública ao movimento cultural local. Nesse momento, a administração municipal da época percebeu o potencial forte das festividades para além da esfera social, e assim, durante a gestão do então prefeito Ronaldo Cunha Lima, em 1983, delineou-se um projeto de reestruturação no qual as festas juninas foram oficialmente elevadas à condição de evento estruturante do município. Essa transformação inicial esteve relacionada sobretudo à organização e à infraestrutura do evento, criando as bases para impactos econômicos e turísticos que se consolidaram apenas em períodos posteriores.

A partir desse marco, o evento adquiriu sua identidade central no Parque do Povo, espaço concebido para concentrar a totalidade da programação festiva. Ao longo de sua trajetória, a festa consolidou-se como uma das maiores manifestações culturais do país, alcançando, na edição de 2025, 42 anos de realização, o que reforça sua importância histórica e cultural no cenário nordestino. Nesse processo, passou a ser conhecida popularmente como "O Maior São João do Mundo", denominação associada tanto à sua longa duração, com uma programação que se estende por cerca de trinta dias, abrangendo o mês de junho e, em algumas edições, também julho, quanto à amplitude e diversidade de suas atividades culturais. No encerramento da edição 39ª, realizada em 2022, o evento recebeu um reconhecimento oficial [2]: o título de maior festa junina do país, concedido pelo Instituto Ranking Brasil, com base nos números expressivos alcançados pela festividade.

No ano de 2024, o Parque do Povo passou por obras de expansão, com a incorporação de uma nova área de aproximadamente 7,5 mil metros quadrados destinada à instalação de

[2] SÃO JOÃO de Campina Grande recebe título de maior do Brasil. Jornal da Paraíba, [s. l.], 11 jul. 2022. Disponível em: https://shre.ink/AXjc. Acesso em: 8 fev. 2026.

palcos e à circulação do público, além da integração do Parque Evaldo Cruz ao espaço principal da festa, o que ampliou a área total destinada à circulação do público e às atividades festivas. Com a reorganização do espaço, o evento passou a contar com três palcos fixos, o Palco Principal, o Palco Cultural e o da Pirâmide, além de ilhas de forró e coretos distribuídos nas diversas áreas cenográficas do local, fator que contribuiu para o aumento da capacidade de recepção do público e das atividades culturais[3] (G1 Paraíba, 2024).

Em 2025, a prefeitura do município definiu a capacidade oficial do São João em 76.195 pessoas por noite, o que representou um aumento de cerca de 3,6% em relação ao ano anterior. A festa também atingiu um recorde histórico, segundo dados divulgados pela prefeitura de Campina Grande ao portal G1 Paraíba[4], no dia 6 de julho, durante o encerramento do evento, foi constatado que ao longo dos 38 dias de programação, 3,23 milhões de pessoas passaram pelo Parque do Povo, o maior público já registrado em uma única edição da festa junina.

O impacto econômico do evento também foi significativo. Apenas em 2025, o Maior São João do Mundo movimentou R$742.845.017, valor 10,35% maior do que o registrado em 2024. Esses números foram apresentados pela Associação Comercial e Empresarial de Campina Grande (ACCG) e fazem parte de uma pesquisa conduzida pelo Grupo 6Sigma, responsável por analisar o desempenho e os impactos econômicos da 42ª edição.

No São João campinense, percebe-se um marcante processo de hibridismo cultural que, segundo Canclini (2008), representa o processo de interação entre diferentes tradições e contextos culturais, resultando no surgimento de novas formas simbólicas e expressivas. Na visão do autor, as culturas contemporâneas não se mantêm isoladas, mas se interconectam continuamente, trocando influências e reinterpretando significados em um cenário marcado pela globalização. Desse modo, Canclini (2008) compreende o hibridismo não como a dissolução das identidades culturais, mas como a formação de identidades plurais e em constante transformação.

Seguindo essa ideia, o São João de Campina Grande funciona como um espaço social onde a tradição e a modernidade prevalecem. De um lado, a festa preserva elementos identitários, como o forró pé-de-serra em algumas áreas e a culinária à base de milho; também conta com espaços simbólicos, como a cidade cenográfica, que retrata o ambiente

---

[3] G1 Paraíba. Área do São João de Campina Grande passou por ampliação de 7.500 m²; fotos mostram antes e depois. G1, 29 maio 2024. Disponível em: https://shre.ink/AXjn. Acesso em: 10 fev. 2026.

[4] SÃO JOÃO 2025: Campina Grande recebe 3,23 milhões de pessoas. G1 PB, João Pessoa, 7 jul. 2025. Disponível em: https://shre.ink/AXGE. Acesso em: 8 fev. 2026.

rural nordestino; entretanto, por outro lado, a programação do palco principal reflete as demandas do mercado e do cenário musical contemporâneo, incorporando grandes atrações nacionais e gêneros que extrapolam o forró tradicional (como o sertanejo, o piseiro e o brega). Nesse contexto, o São João de Campina Grande ultrapassa a celebração local e passa a integrar circuitos mais amplos de circulação cultural, nos quais as tradições são ressignificadas. Assim, o evento se configura como um espaço privilegiado de negociação entre permanências e mudanças, revelando como as manifestações culturais populares se adaptam e se reconstroem diante de novos contextos sociais e tecnológicos

3.2 O papel da mídia na representação da cultura popular

O surgimento do jornalismo digital, na década de 1990, representou uma das transformações mais significativas na história da comunicação contemporânea. A digitalização dos meios permitiu novas formas de produção e circulação da informação, tornando o acesso às notícias mais ágil, interativo e multimidiático. Entretanto, foi apenas nos anos 2000 que essa modalidade se consolidou no Brasil, quando veículos tradicionais passaram a investir efetivamente em plataformas online, com o lançamento de portais como o G1 pertencente ao Grupo Globo, e o UOL, ligado ao Grupo Folha, que se tornaram marcos na adaptação do jornalismo à era digital. Essa transformação ocorre em um ambiente social caracterizado pela interconexão tecnológica, inserindo-se no contexto fundamental da sociedade em rede. Como define Castells (2003):

> Uma sociedade em rede é aquela cuja estrutura social é composta de redes activadas por tecnologias digitais de comunicação e informação baseadas em microeletrônica. Entendo por estrutura social os acordos organizativos humanos na relação com a produção, o consumo, a reprodução, a experiência e o poder expressos por uma comunicação significativa codificada pela cultura. As redes digitais são globais pela sua capacidade para se autoconfigurarem de acordo com as instruções dos programadores, transcendendo os limites territoriais e institucionais através de redes de computadores ligadas entre si (Castells, 2003, p. 58).

Nesse cenário, as redes digitais ultrapassam fronteiras territoriais e institucionais, tornando-se globais e dinâmicas, capazes de conectar indivíduos e instituições em tempo real; o jornalismo digital emerge, assim, como resultado direto dessa reestruturação social e tecnológica, redefinindo, junto à convergência de mídias, a interatividade e a velocidade da informação, o papel do jornalista e o conceito de notícia.

Para compreender a magnitude dessa evolução, é importante resgatar a trajetória histórica da prática jornalística; segundo Souza (2008), o jornalismo, enquanto prática social de registro e difusão de informações, possui raízes que remontam à Antiguidade. Na Roma

Antiga, por exemplo, existiam formas rudimentares de jornalismo, como o Acta Diurna, que trazia informações sobre decisões políticas e eventos sociais, representando uma das primeiras tentativas de sistematizar a informação como instrumento de poder e controle social.

Com o advento da imprensa, no século XV, impulsionado pela invenção da prensa de tipos móveis por Johannes Gutenberg, o jornalismo deu um salto. A reprodução em larga escala de textos impressos permitiu a expansão da leitura e a circulação de ideias, consolidando o impresso como meio hegemônico na formação da opinião pública.

No século XX, a ascensão do rádio e, posteriormente, da televisão, ampliou o alcance da informação e introduziu novas linguagens jornalísticas. A instantaneidade do rádio e o poder de imagem da televisão reconfiguraram a narrativa dos acontecimentos, reforçando o papel dos meios de comunicação como agentes mediadores entre o cidadão e o mundo. Apesar dessas evoluções, foi o ambiente digital que rompeu de forma definitiva as barreiras geográficas e temporais da comunicação. Nesse contexto, o público deixou de ocupar exclusivamente a posição de receptor e passou a atuar também como produtor e difusor de informações, fenômeno intensificado pelas redes sociais e pelas plataformas colaborativas. Conforme destaca Jenkins (2009), os novos consumidores de mídia são ativos, socialmente conectados e participativos, rompendo com a lógica do consumo passivo característica dos meios tradicionais.

O São João, enquanto uma das principais manifestações da cultura nordestina, desempenha múltiplas funções sociais e culturais, entre as quais se destaca a mobilização de tradições associadas aos rituais da dança do forró, ao ritmo da música nordestina, à poesia popular e ao folclore regional. Esses elementos ritualizados, expressos por grupos folclóricos e quadrilhas por meio do canto, da dança e das coreografias, contribuem para a evocação da memória coletiva e para a preservação de referências culturais. Paralelamente, práticas tradicionais, como acender fogueiras, realizar casamentos matutos, novenas e dançar forró, articulam-se a práticas contemporâneas, como cidades cenográficas, coreografias elaboradas e o uso de instrumentos musicais modernos. Essa combinação de temporalidades e linguagens produz um conjunto de imagens e sentidos que consolida o imaginário social da festa, configurando um jogo simbólico capaz de dialogar com diferentes contextos sociais, culturais e econômicos.

A cultura popular, ao ser mediada pelos meios de comunicação, deixa de ser apenas uma prática social e passa a constituir-se como um objeto discursivo, sujeito a enquadramentos, interpretações e disputas simbólicas, uma vez que, segundo Canclini, a

noção de popular construída pela mídia "segue a lógica do mercado", na qual o popular não se define pelas tradições ou pelas experiências coletivas, mas pelo que "se vende maciçamente" e alcança grande visibilidade (Canclini, 2008, p. 259). A mídia, enquanto instância de representação, não apenas reproduz a realidade, mas produz sentidos sobre ela, definindo o que deve ser lembrado, valorizado ou silenciado, com isso segundo Morigi (2009):

> Ao narrar o evento, a mídia constrói uma visão de mundo que faz parte do jogo político e de interesses dos grupos locais. Ela reforça o discurso dos dirigentes que exercem a hegemonia do poder local. Em torno dos interesses das facções e dos grupos, referendando concepções instituídas do imaginário da festa e utilizando o sincretismo cultural a mídia consegue sintetizar, dando um melhor acabamento, as idéias e os valores que gravitam em torno dela e, disseminando as, legitima posições já definidas na arena política, seja pelo controle social do imaginário da festa seja pelo controle do imaginário dos nordestinos e de sua própria imagem (Morigi, 2009, p.258).

No contexto nordestino, a dimensão discursiva ganha relevância especial. A região é historicamente narrada por estereótipos, ora como espaço de atraso e carência, ora como reduto folclórico, reduzido a símbolos cristalizados, como o vaqueiro, o Sertão, o forró e o cacto. Esses elementos, embora reais, frequentemente perdem seu sentido social e são transformados em imagens vendáveis, adequadas à lógica do espetáculo e do consumo midiático. Estudos como o de Rodrigues e Studart (2015) apontam que os meios de comunicação tendem a reproduzir uma lógica de "cultura-espetáculo", priorizando expressões artísticas de maior visibilidade, celebridades e eventos de entretenimento em detrimento das manifestações populares locais. Essa tendência reflete uma hierarquização simbólica da cultura, na qual o que é considerado erudito ou comercial adquire status de "cultura legítima", enquanto o popular é relegado ao campo do folclore ou do exótico.

Nesse sentido, o São João de Campina Grande se insere em um contexto marcado por mediações, estereótipos e disputas simbólicas. Sua representação midiática permite observar como a cultura popular nordestina é reinterpretada e ressignificada no contexto da comunicação contemporânea, evidenciando as tensões entre tradição, visibilidade e consumo cultural.

4. EDUCOMUNICAÇÃO E O PAPEL DO REPÓRTER EDUCOM

4.1 O conceito de Educomunicação

A Educomunicação começou a se desenvolver no século XX, acompanhando o crescimento das tecnologias da informação e da comunicação, que introduziram novas formas de interação social, como o rádio, a televisão e, posteriormente, a internet. Essas transformações impactaram a sociedade e os modos de produção e circulação de sentidos, exigindo novas formas de compreender a relação entre comunicação e educação.

A Educomunicação tem suas bases na comunicação popular e na educação popular, e o termo "educomunicador" foi inicialmente empregado por Mário Kaplún, na América Latina, sob influência das ideias de Paulo Freire. Posteriormente, a reflexão teórica sobre o conceito foi aprofundada por Jesús Martín-Barbero e, no Brasil, sistematizada e ampliada por Ismar de Oliveira Soares, coordenador do Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da Universidade de São Paulo.

De acordo com a Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação (ABPEducom), a prática educomunicativa ocorre na interface entre Comunicação e Educação, configurando-se como um campo de natureza transdisciplinar. Para a instituição, a Educomunicação é compreendida como:

> [...] um paradigma orientador de práticas sócio-educativo-comunicacionais que têm como meta a criação e fortalecimento de ecossistemas comunicativos abertos e democráticos nos espaços educativos, mediante a gestão compartilhada e solidária dos recursos da comunicação, suas linguagens e tecnologias, levando ao fortalecimento do protagonismo dos sujeitos sociais e ao consequente exercício prático do direito universal à expressão (ABPEducom, [s.d.]).

Nesse contexto, a Educomunicação é entendida como um campo resultante da inter-relação entre Comunicação e Educação orientado para práticas que promovam a formação crítica dos sujeitos quanto à produção, circulação e gestão dos processos comunicativos. Conforme Soares (2011, p. 26-27), o ecossistema educomunicativo:

> Designa a realização do ambiente, a disponibilização dos recursos, o modus faciendi dos sujeitos envolvidos e o conjunto das ações que caracterizam determinado tipo de ação comunicacional. No caso, a família, a comunidade educativa ou uma emissora de rádio criam, respectivamente, ecossistemas comunicacionais. Os indivíduos e as instituições podem pertencer e atuar, simultaneamente, em distintos ecossistemas comunicacionais, uns exercendo influências sobre os outros.

Dessa forma, essa perspectiva amplia a compreensão do conceito ao entender o ecossistema educomunicativo como a articulação de espaços, práticas e recursos que configuram os processos comunicativos em distintos contextos sociais, como a família, a escola e os meios de comunicação, os quais se influenciam mutuamente. Assim, pode-se afirmar que sua base está na interação constante e na comunicação em rede, orientadas para o diálogo e para a construção compartilhada do conhecimento.

Ao unir Comunicação e Educação, a Educomunicação propõe que a comunicação não seja apenas um meio de transmitir informações, mas também um espaço de aprendizado capaz de estimular a consciência crítica e a participação ativa das pessoas na sociedade. De acordo com Kaplún (1998, apud Almeida, 2024, p. 28),

> O objetivo fundamental da educomunicação é capacitar educandos para que sejam emissores de suas próprias mensagens, fornecendo a eles canais e fluxos de comunicação que permitam que dialoguem com interlocutores reais. Sob a mesma perspectiva, a educomunicação fornecerá aos alunos materiais de apoio que os levem a analisar, discutir e participar da comunicação.

Nesse sentido, a Educomunicação amplia o entendimento sobre o papel da comunicação como um processo formativo, colaborativo e social. Ela quebra o paradigma de que as pessoas seriam apenas "consumidores" de informação, que aceitam passivamente o que lhes é transmitido, e em contrapartida, a Educomunicação enfatiza a importância do diálogo, da troca de experiências e da produção coletiva de sentidos.

Para além, a Educomunicação organiza-se em sete áreas de intervenção, que auxiliam no planejamento de atividades, na mediação de processos e na proposição de soluções para desafios coletivos nos diversos ecossistemas sociais. Almeida (2024, p. 39) define essas áreas da seguinte maneira:

1. Educação para a comunicação: Desenvolve a capacidade de leitura crítica das mídias.
2. Pedagogia da comunicação: Aplica métodos comunicacionais dentro do processo educativo.
3. Gestão da comunicação: Organiza e administra fluxos e processos de comunicação.
4. Mediação tecnológica na educação: Integra tecnologias digitais ao aprendizado.
5. Produção midiática educativa: Cria conteúdos com finalidade pedagógica.
6. Expressão comunicativa por meio da arte: Utiliza linguagens artísticas para transmitir mensagens.
7. Epistemologia da educomunicação: Investiga teoricamente os fundamentos do campo.

Dessa forma, a Educomunicação se configura como uma abordagem que não só observa o fenômeno comunicativo, mas também o transforma em ferramenta educativa, conectando teoria, prática e participação social. Dentre as áreas de intervenção da Educomunicação, destaca-se, para este trabalho, a Produção Midiática, por apresentar maior proximidade com o campo do Jornalismo cuja prática constitui o objeto desta análise. Essa área refere-se à criação de conteúdos midiáticos que, além de informativos, possuem intencionalidade formativa e compromisso social, contribuindo para a construção de uma comunicação mais crítica e participativa.

> Conforme Soares (2014c, p. 138), esta área de intervenção envolve "ações, programas e produtos da mídia elaborados a partir do parâmetro educomunicativo". Contempla o trabalho de profissionais que se dedicam a renovar "a linguagem e os conteúdos de programas massivos de interesse educativo nas grandes emissoras de rádio e TV" (Soares, 2003, p. 9). Enquadra-se no ambiente da comunicação mediada, em que emissor e receptor não estão fisicamente presentes no mesmo local, e a mensagem flui por meio de um suporte tecnológico, como telefone, computador, televisão, rádio, papel, entre outros.

No contexto jornalístico, a Produção Midiática permite compreender o jornalista não apenas como transmissor de fatos, mas como agente social responsável pela mediação de discursos e pela formação de sentidos na sociedade. Dessa forma, o Jornalismo aproxima-se dos princípios educomunicativos ao assumir um papel educativo, ético e cidadão, estimulando a reflexão crítica dos públicos e a democratização da informação.

4.2 Jornalismo Educomunicativo

O jornalismo, enquanto prática social, sempre esteve relacionado à mediação da realidade, à construção de sentidos e à circulação de informações na sociedade. No entanto, diante das transformações tecnológicas, culturais e sociais contemporâneas, essa prática passa a demandar abordagens mais participativas, críticas e inclusivas. Nesse cenário, marcado pelo avanço das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), observa-se uma reconfiguração no modo de produção jornalística, especialmente no que se refere à interatividade e à ampliação do acesso à informação (Moura; Silva, 2019).

Diante dessas mudanças, o jornalismo passa a incorporar dinâmicas mais dialógicas e colaborativas, aproximando-se de práticas que valorizam a participação dos sujeitos no processo comunicativo. É nesse movimento que emerge o conceito de jornalismo educomunicativo, uma perspectiva que articula os princípios do jornalismo com os fundamentos da Educomunicação, propondo práticas voltadas para a cidadania e para a formação crítica dos sujeitos (Moura; Silva, 2019). Mais do que informar, essa abordagem busca promover processos de aprendizagem e reflexão, contribuindo para que os indivíduos compreendam, analisem e questionem as informações que consomem.

Nesse sentido, as contribuições de Paulo Freire (2010) foram decisivas para os debates sobre a relação entre comunicação e educação. Para o autor, a construção da autonomia dos sujeitos está diretamente ligada aos processos comunicativos, bem como às formas de interação social e ao desenvolvimento da consciência crítica. Em sua obra *Extensão ou Comunicação?*, Freire propõe uma perspectiva pedagógica baseada no diálogo e na troca de saberes entre educador e educando, rompendo com a lógica tradicional de

transmissão unilateral do conhecimento. Nessa concepção, a dinâmica educativa se constrói de forma horizontal, valorizando as experiências e os saberes prévios dos sujeitos.

Essa perspectiva se aproxima da proposta da Educomunicação, que compreende a comunicação como um processo formativo e interventivo na realidade social, promovendo o diálogo, a participação e o exercício da cidadania (Moura; Silva, 2019). Reforçando essa compreensão, Soares (2000, p. 20) afirma que:

> "Não se trata, pois, de educar usando o instrumento da comunicação, mas que a própria comunicação se converta no eixo vertebrador dos processos educativos: educar pela comunicação e não para a comunicação. Dentro dessa perspectiva de comunicação educativa como relação e não como objeto, os meios são ressituados a partir de um projeto pedagógico mais amplo."

A partir dessa compreensão, entende-se que o aprendizado se torna mais significativo quando o conteúdo se conecta com as vivências e experiências dos sujeitos, fortalecendo seu senso de pertencimento, participação e autonomia. Assim, a comunicação deixa de ser apenas um meio de transmissão e passa a se configurar como um espaço de construção coletiva de conhecimento, no qual os indivíduos são reconhecidos como protagonistas. É a partir dessa abordagem que se inserem práticas jornalísticas que articulam comunicação e educação, valorizando o diálogo, a participação e o protagonismo dos sujeitos. Nesse contexto, destaca-se o projeto Repórter Educom, que será abordado a seguir como objeto de análise deste estudo.

Sob essa perspectiva, o jornalismo educomunicativo ultrapassa a simples transmissão de informações, assumindo um papel formativo, ético e socialmente comprometido com a transformação da realidade. Trata-se, portanto, de uma prática que reconhece a comunicação como um direito e como um instrumento fundamental na construção de uma sociedade mais crítica, participativa e democrática.

4.3 O projeto Repórter Educom: origem, objetivos e formato

Em um cenário em que as notícias sobre grandes eventos são frequentemente pautadas por números e pela presença de nomes "famosos", destaca-se, no âmbito da Educomunicação, a relevância de iniciativas que possuam um propósito claro e formativo. Nesse contexto, surge o Repórter Educom, um projeto de extensão universitária vinculado ao curso de Comunicação Social, com linha de formação em Educomunicação, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), em conjunto com a Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão (PROPEX). O projeto é desenvolvido no âmbito do Programa de Extensão

JusCidadã, que institucionaliza a proposta de articular a comunicação, a educação e a cidadania, reforçando o papel do jornalismo como um instrumento de formação crítica e participação social.

Para compreender sua natureza, é importante retomar o conceito de extensão universitária definido, no contexto da política educacional brasileira, pelo Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX), instância vinculada ao Ministério da Educação (MEC), em novembro de 1987, que a define como:

> A Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula ensino e pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade. A Extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica [...]. No retorno à universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento[...].Esse fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, terá como consequências a produção do conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional, a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da Universidade. Além de instrumentalizadora deste processo dialético de teoria/ prática, a Extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social. (FORPROEX, 1987).

Essa definição evidencia a extensão universitária como uma prática integrada à formação acadêmica e ao compromisso social da universidade pública brasileira, orientada pela relação entre universidade e sociedade.

Nesse sentido, o Repórter Educom encontra seu fundamento teórico e metodológico, ao propor um jornalismo voltado para a formação cidadã e para a valorização das manifestações culturais do território, fazendo jornalismo não apenas para noticiar, mas para ensinar e transformar. Sua base é a Educomunicação, uma ciência que estuda como a comunicação pode atuar de forma educativa, promovendo o diálogo, a reflexão crítica e a participação social. Conforme Almeida (2024 p.13), “A educomunicação preocupa-se com a comunicação e com a educação, de forma ampla. Não se trata apenas da educação escolar, mas daquela que ocorre em diversos ambientes, incluindo as comunidades, as empresas e a mídia.”

O projeto Repórter Educom teve sua primeira edição oficial em 2025, sendo fruto de uma experiência anterior vivida a partir da parceria entre o curso de Educomunicação da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e o projeto Repórter Junino, do curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), realizada em 2024**.** O projeto teve

vigência no período de 16 de junho de 2025 a 16 de dezembro de 2025, acompanhando o calendário das ações extensionistas e contemplando diferentes eventos artístico-culturais realizados da cidade de Campina Grande (PB), como O Maior São João do Mundo, o Festival Internacional de Música de Campina Grande (FIMUS) e o Festival de Audiovisual Nordestino (MUÍDO).

Sua proposta consiste em envolver os estudantes do curso de graduação em uma experiência etnográfica com enfoque educomunicativo, ou seja, um olhar que se aprofunda na cultura e nas histórias de vida, estimulando a participação destes nos eventos e nas dinâmicas culturais do território. A atuação contou com 15 estudantes e 5 professores do curso de Educomunicação. A dinâmica das práticas jornalísticas era discutida tanto presencialmente quanto por meio da mídia social WhatsApp, e as equipes eram organizadas com três extensionistas (Repórter, Repórter Fotográfico e Filmmaker) acompanhados por um professor orientador responsável por supervisionar todas as etapas do processo de produção do material durante o período junino. A iniciativa contou ainda com a parceria da Prefeitura Municipal de Campina Grande, visando ampliar suas possibilidades de atuação no contexto do evento "Maior São João do Mundo".

No contexto do Maior São João do Mundo, foram produzidas 21 pautas com enfoque educomunicativo, das quais 12 matérias foram publicadas em veículos de comunicação local e também em circulação nacional, por meio da assessoria de imprensa da Arte Produções, empresa responsável pela produção e comunicação do evento. A participação dos estudantes extensionistas ocorreu a partir de uma ação planejada em conjunto com a equipe da Arte Produções, responsável por administrar e coordenar as estratégias de cobertura midiática do evento, possibilitando uma inserção orientada e alinhada às práticas profissionais da área.

Além disso, o projeto teve como um de seus principais objetivos promover uma imersão etnográfica dos estudantes nessa que é uma das maiores manifestações culturais do Nordeste, a festa junina, destacando sua diversidade artístico-cultural e o caráter multicultural presente no evento. Tal perspectiva dialoga com a noção de cultura híbrida discutida por autores como Canclini, ao evidenciar a coexistência de diferentes expressões culturais, tradições e influências contemporâneas no mesmo espaço. O projeto, em sua atuação no período junino, não se volta ao palco principal do Parque do Povo, mas propõe uma cobertura diferenciada, direcionada para aqueles que efetivamente constroem o evento, como músicos, quadrilheiros e artesãos da comunidade, além de pequenos comerciantes e responsáveis por

barracas de comidas típicas que movimentam a economia local, valorizando também as histórias, tradições e símbolos que mantêm viva a memória e a identidade da festa.

5. METODOLOGIA

Diante do contexto apresentado, o presente estudo busca analisar a cobertura do projeto Repórter Educom no São João de Campina Grande, realizado em 2025, com foco em uma abordagem diferenciada, de natureza mais crítica e independente acerca da construção da representação da cultura nordestina, em especial das tradições da maior festa popular da região, o São João. Para alcançar esse objetivo, a metodologia adotada combina três procedimentos complementares: Análise de Conteúdo, Pesquisa Participante e Entrevista em Profundidade.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa e descritiva, voltada a interpretar sentidos, percepções e formas de representação presentes nas matérias jornalísticas analisadas. A fundamentação teórica e técnica da metodologia apoia-se na Análise de Conteúdo proposta por Bardin, definida como:

> Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos on não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (Bardin, 1977, p. 42).

Nesta pesquisa, a metodologia adotada vai ajudar na análise das matérias produzidas e veiculadas pelo Repórter Educom. Quanto a organização, esta segue as etapas propostas por Bardin: inicialmente, realizou-se a pré-análise, com a seleção e preparação do material jornalístico; em seguida, procedeu-se à exploração do conteúdo, classificando as matérias em categorias que permitissem identificar padrões e sentidos presentes na cobertura; por fim, foi conduzida a interpretação dos dados, etapa na qual os resultados obtidos foram confrontados com a hipótese do estudo, de que a cobertura realizada pelo Repórter Educom no São João de Campina Grande/PB em 2025 favorece a construção de narrativas que fortalecem a identidade cultural nordestina, ao evidenciar manifestações tradicionais como parte do patrimônio cultural local.

Também foram realizadas entrevistas com os professores que acompanharam a produção das matérias, escolhidos por sua participação direta no processo formativo do projeto. Para isso, foi utilizado um questionário de caráter semiestruturado, composto por perguntas abertas, permitindo maior aprofundamento nas respostas e a exploração das

percepções dos docentes. As entrevistas foram realizadas de forma online, por meio da plataforma Google Forms, e o instrumento teve como objetivo compreender a percepção desses professores sobre a proposta educomunicativa, bem como sobre o desenvolvimento dos estudantes durante a cobertura.

O corpus definido para a Análise de Conteúdo é composto por 10 matérias publicadas sob a assinatura do Repórter Educom, produzidas e divulgadas nos sites de portais de notícia da cidade entre 30 de maio e 6 de julho de 2025, período correspondente à realização d' O Maior São João do Mundo, evento que concentra a programação oficial das festividades juninas no município.

5.1 A produção do Repórter Educom no São João de Campina Grande 2025

A presente pesquisa analisou as dez matérias publicadas pelo projeto Repórter Educom durante a cobertura do São João de Campina Grande 2025. As matérias foram divulgadas em diferentes portais de notícias e sites, como o *Paraíba Online, Fatos PB*, o site da a Prefeitura de Campina Grande e o site oficial do São João de Campina Grande. Para isso, utilizou-se a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1977), seguindo as três etapas clássicas do método: a) Pré-análise: seleção e constituição das dez matérias do Repórter Educom como corpus. b) Exploração do material: organização das reportagens por Análise Temática (Bardin 1977) em categorias que refletem dimensões centrais da cultura popular nordestina. c) Interpretação: análise das categorias e cruzamento dos achados com a hipótese inicial, supondo que o Repórter Educom constrói uma cobertura educomunicativa que valoriza tradições, memórias e expressões artísticas do São João.

As categorias de análise foram definidas a partir dos eixos de patrimônio material e imaterial, escolhidos por sua relevância na compreensão das diferentes formas de manifestação da cultura popular nordestina. Essa categorização permite abarcar tanto os elementos tangíveis, como objetos, espaços e expressões visíveis, quanto os aspectos simbólicos, como saberes, práticas e tradições. Ressalta-se que a definição dessas categorias foi realizada pelo autor desta pesquisa, com base na necessidade de organizar e interpretar os dados de maneira coerente com os objetivos do estudo. A partir dessa organização, será possível identificar os temas mais recorrentes nas matérias e analisar de que forma a cultura popular nordestina foi representada pelo projeto.

QUADRO 1 - CATEGORIAS TEMÁTICAS DEFINIDAS

Categoria/ Eixo Temático	Descrição
I - Patrimônio Imaterial	Abrange a culinária típica (dimensão gastronômica), as crenças populares, a tradição das fogueiras, brincadeiras, símbolos juninos, práticas devocionais, a música (forró, baião, xote), quadrilhas, figurinos, instrumentos (sanfona, zabumba, triângulo), artesanato e a poesia popular (cordel, repente).
II - Patrimônio Material	Contempla os espaços históricos (igrejas, casarões), os elementos arquitetônicos (decoração de ruas, fogueiras) e os lugares físicos (palcos, praças) que constroem a memória coletiva do São João.

Fonte: O autor, 2026.

Este capítulo apresenta o resultado da análise das dez matérias, evidenciando como os estudantes representaram a cultura popular nordestina e como os princípios educomunicativos se manifestaram na cobertura, seguindo a distribuição dos seguintes eixos temáticos:

Eixo I: 8 matérias

Eixo II: 2 matérias

QUADRO 2 – EIXOS DE CADA MATÉRIA

Nº	Título da Matéria	Foco Identificado	Categoria
1	Sabores juninos: entre tradição e inovação, a culinária nordestina se faz presente no PP	Foco no patrimônio cultural e na gastronomia tradicional	I
2	Os significados dos símbolos juninos que enriquecem a festa de São João	Foco nos valores simbólicos da festa	I
3	Celebração a São Pedro conclui tríade dos santos juninos	Valorização da identidade cultural nordestina por meio da fé e das tradições	I
4	A saga dos músicos dos trios de forró para além do São João	Foco na musicalidade e instrumentos nordestinos	I

5	Palco Cultural: Vitrine viva da música tradicional e valoração dos artistas locais em pleno coração do Parque do Povo	Valorização de artistas locais	I
6	Ilhas de Forró: tradição, legado e resistência cultural no São João de Campina Grande	Foco na diversidade cultural e na música regional (Pé de Serra)	I
7	Como os figurinos juninos resistem e se reinventam na festa de São João	Foco no microempreendedor e na economia popular	I
8	Pirâmide do Parque do Povo: patrimônio sociocultural e ícone do Maior São João do Mundo chega aos 40 anos em 2026	Foco na celebração da cultura	II
9	Arena cidade: história, arte e cultura em pleno coração do Maior São João do Mundo	Valorização dos espaços culturais como meios de expressão artística e preservação da história	II
10	Festivais de quadrilhas juninas fortalecem a tradição e cultura popular nordestina	Valorização das tradições nordestinas	I

Fonte: O autor, 2026.

5.1.1 Patrimônio Cultural Imaterial (Eixo I)

Sob uma perspectiva educativa, os bens culturais, sejam materiais ou imateriais, são reconhecidos pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como Patrimônio Cultural do Brasil, sendo transmitidos de geração em geração, garantindo a preservação da memória e incentivando o respeito à diversidade artística (IPHAN, 2014). Diante disso, é possível analisar como os elementos culturais do São João de Campina Grande 2025 se manifestam nas matérias do Repórter Educom, registrando tradições e expressões orais que podem ser consideradas como patrimônio imaterial, já que se transmitem de geração em geração e reforçam a identidade cultural da comunidade. Dessa forma, a Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial da UNESCO (2003) estabelece que fazem parte do patrimônio cultural imaterial:

> As práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhe são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos, reconhecem como parte integrante do seu patrimônio imaterial. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado por grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e a criatividade humana. O patrimônio imaterial, como foi definido acima, se manifesta nos seguintes campos: a) tradições e expressões orais; incluindo o idioma como veículo do patrimônio cultural imaterial; b) expressões artísticas; c) práticas sociais, ritos e atos festivos; d) conhecimentos e práticas relacionadas à natureza e ao universo; d) técnicas artesanais tradicionais (Unesco, apud Alves, 2010, pp. 551-552).

Partindo desse cenário, as matérias do eixo I revelam como a cultura nordestina é construída por símbolos, rituais e elementos identitários. Segundo a matéria "Sabores juninos: entre tradição e inovação, a culinária nordestina se faz presente no PP" [5] (Matéria 1), a gastronomia aparece como patrimônio imaterial que conecta afeto, memória e tradição, indo além dos alimentos consumidos durante o período junino. As comidas típicas compõem um repertório cultural que expressa modos de fazer transmitidos entre gerações. Conforme aponta Tavares (2024):

> Outro elemento indispensável da festa é a gastronomia, que proporciona uma verdadeira tradição nos sabores do Nordeste. As barracas espalhadas pelo evento oferecem desde pratos típicos, como milho, pamonha e pé-de-moleque, até outras delícias que remetem à tradição junina. Esses espaços são verdadeiros tesouros gastronômicos, onde os visitantes podem vivenciar a cultura local por meio da culinária, enquanto aproveitam a hospitalidade que é marca registrada da cidade. (Tavares, 2024, p. 23).

Com isso, no contexto do São João, a culinária funciona como um elo entre passado e presente, ativando lembranças, fortalecendo identidades e transformando a experiência festiva em um espaço de celebração da memória coletiva. Dessa forma, a gastronomia não apenas alimenta, mas comunica valores, preserva tradições e reafirma a riqueza cultural do Nordeste.

Além disso, a matéria "Os significados dos símbolos juninos que enriquecem a festa de São João" [6] (Matéria 2) destaca que os símbolos visuais, bandeirolas, fogueiras e ornamentos típicos funcionam como marcadores que organizam o território festivo e fortalecem o sentimento de pertencimento, mostrando que esses elementos não apenas decoram a festa, mas também comunicam sentidos compartilhados pela comunidade,

---

[5] Sabores juninos: entre tradição e inovação, a culinária nordestina se faz presente no Parque do Povo. Prefeitura de Campina Grande – PB. Disponível em: https://shre.ink/AXGC. Acesso em: 19 dez. 2025.

[6] Os significados dos símbolos juninos que enriquecem a festa de São João. Disponível em: https://shre.ink/AXGh. Acesso em: 19 dez. 2025.

mostrando como fé, identidade e tradição se entrelaçam no cotidiano da festa. Essa compreensão dialoga com análises de Lima (2008) sobre o próprio processo de construção simbólica do São João, que apontam que criar uma narrativa para "O Maior São João do Mundo" implica articular elementos, signos e ícones da festa junina com representações estereotipadas da ideia de Nordeste, produzindo um evento híbrido e marcado pelo sincretismo cultural, "por misturar coisas que antes não se misturavam" (Lima, 2008 p.78)

Já a matéria "Celebração a São Pedro conclui tríade dos santos juninos" [7] (Matéria 3) evidencia a dimensão religiosa do São João e sua conexão com a identidade cultural nordestina. Os rituais dedicados aos santos Antônio, João e Pedro são destacados como práticas comunitárias que atravessam gerações. Essa compreensão dialoga com Carvalho e Costa (2025, p. 81), que apontam que as festas juninas no Brasil têm origem colonial e se consolidaram especialmente no Nordeste, carregando sentido celebrativo e religioso. Assim, a matéria reforça como a religiosidade se articula com a memória coletiva e fortalece o sentimento de pertencimento cultural.

Partindo do contexto que esse é o maior eixo temático identificado na cobertura, reunindo reportagens que destacam artistas, práticas performáticas e agentes culturais responsáveis por manter viva a tradição junina, a matéria "A saga dos músicos dos trios de forró para além do São João" [8] (Matéria 4) evidencia a importância da musicalidade regional e dos instrumentos típicos, mostrando como os músicos são protagonistas na preservação e circulação do forró tradicional. Nesse sentido, as expressões artísticas assumem papel central na construção da identidade cultural nordestina, uma vez que a musicalidade se apresenta como elemento fundamental para a preservação e a continuidade das tradições do São João. O papel desses trios é igualmente destacado em estudos sobre o evento, que apontam que os organizadores do São João priorizam a contratação de grupos que executam o forró pé-de-serra, compostos por tocadores de triângulo, zabumba e sanfona, reforçando a centralidade dessa formação musical na identidade da festa. Ainda conforme Lima (2018):

> além da opção e prioridade dos organizadores do evento em contratar trios de forró que executam o chamado 'forró pé-de-serra' [...], há uma preocupação em transformar a cidade em uma imagem que represente um verdadeiro 'arraial junino', com ruas e avenidas ornamentadas com bandeirinhas e balões (Lima, 2008 p.74)

[7] Celebração a São Pedro conclui tríade dos santos juninos. Prefeitura de Campina Grande – PB. Disponível em: https://shre.ink/AXG5. Acesso em: 19 dez. 2025.

[8] A saga dos músicos dos trios de forró para além do São João. Disponível em: https://shre.ink/AXGe. Acesso em: 19 dez. 2025.

A matéria “Palco Cultural: Vitrine viva da música tradicional e valoração dos artistas locais” [9] (Matéria 5) evidencia que espaços de performance, como o Palco Cultural, extrapolam a função de simples locais de apresentação, atuando como dispositivos simbólicos de legitimação da produção artística popular. Ao oferecer visibilidade a músicos e grupos que preservam repertórios e estéticas tradicionais, esses espaços contribuem para a reafirmação do imaginário nordestino e para a valorização cultural de expressões historicamente marginalizadas pelos circuitos midiáticos hegemônicos.

De forma complementar, a matéria “Ilhas de Forró: tradição, legado e resistência cultural no São João de Campina Grande” [10] (Matéria 6) destaca como as Ilhas de Forró atuam como ambientes de resistência cultural e circulação do forró pé-de-serra, reafirmando o valor das práticas musicais locais e a diversidade cultural presente na festa. Essa compreensão dialoga com o que o estudo de Cardilo (2012) que caracteriza o forró de raiz como uma expressão cultural profundamente ligada à identidade nordestina, ressaltando que:

> O forró “Pé de Serra” remete a um ritmo de música e dança de origem nordestina, denominado “Forró de Raiz”, é uma expressão cultural tradicional que gerou outras possibilidades para essa modalidade em todo país. O nordestino é o sertanejo que convive com a seca, a fome, a miséria, mas que busca alegria na sua cultura, na dança e na música. (Cardilo, 2012,p.5)

Quanto aos figurinos, a matéria “Como os figurinos juninos resistem e se reinventam na festa de São João” [11] (Matéria 7) evidencia que esses trajes ultrapassam sua função meramente estética, configurando-se como expressões simbólicas da criatividade artesanal e da economia cultural que se desenvolve em torno do ciclo junino, ao articular saberes tradicionais, técnicas manuais e processos coletivos de produção. Nesse contexto, a confecção dos figurinos contribui não apenas para o fortalecimento do valor simbólico da festa, mas também para a reafirmação do artesanato como uma das bases da identidade regional, ao mesmo tempo em que revela a articulação entre cultura, trabalho e geração de renda, evidenciando como esses elementos se adaptam às dinâmicas contemporâneas de visibilidade e espetacularização do evento.

---

[9] Palco Cultural: vitrine viva da música tradicional e valorização dos artistas locais em pleno coração do Parque do Povo. Prefeitura de Campina Grande – PB. Disponível em: https://shre.ink/AXG8. Acesso em: 19 dez. 2025.

[10] Ilhas de Forró: tradição, legado e resistência cultural no São João de Campina Grande. Paraíba Online. Disponível em: https://shre.ink/AXGf. Acesso em: 19 dez. 2025.

[11] Como os figurinos juninos resistem e se reinventam na festa de São João. Disponível em: https://shre.ink/AXGB. Acesso em: 19 dez. 2025.

Por fim, a matéria “Festivais de quadrilhas juninas fortalecem a tradição e cultura popular nordestina” [12] (Matéria 10) mostra que as quadrilhas são tratadas como patrimônio vivo, combinando espetáculo, coreografia, teatralidade e memória. Segundo Tavares (2024, p. 23), elas são “um dos destaques do 'Maior São João do Mundo', com concursos que encantam o público através de coreografias bem ensaiadas e figurinos vibrantes”. A presença das quadrilhas nas matérias evidencia a força das manifestações comunitárias, que articulam cultura, pertencimento e preservação histórica, consolidando-as como uma das expressões mais simbólicas da cultura popular nordestina.

De modo geral, as matérias do eixo I evidenciam que o São João reúne elementos que vão além da festa. Ele preserva práticas, objetos, saberes e expressões que compõem o patrimônio cultural nordestino, em que cada comida típica, símbolo visual, ritual religioso ou manifestação artística ajuda a manter viva uma herança para a cultura popular nordestina.

5.1.2 Patrimônio Cultural Material (Eixo II)

A análise das matérias 8 e 9 mostra que o Repórter Educom também teve foco em espaços que preservam a memória social do São João de Campina Grande, como a Pirâmide do Parque do Povo [13]. A reportagem dedicada a esse espaço a eleva à condição de símbolo da festa e patrimônio sociocultural. Sua valorização transcende o aspecto arquitetônico, sendo enfatizada pelo seu papel central como mediador da experiência coletiva do evento. As matérias ressaltam seu valor simbólico, mostrando como o espaço reúne diferentes gerações e atividades culturais, desde apresentações de quadrilhas e shows de música até eventos que celebram as tradições locais, reforçando sua função como polo de memória e identidade

De forma complementar, a Arena Cidade [14] é apresentada como um espaço que reproduz elementos históricos e arquitetônicos da cidade, operando como um "museu vivo" do São João. Essa abordagem reforça o papel do local como potencializador de expressão artística e preservação da história urbana, destacando sua capacidade de conectar simbolicamente o presente e o passado campinense.

---

[12] Festivais de quadrilhas juninas fortalecem a tradição e cultura popular nordestina. Disponível em: https://shre.ink/AXGW. Acesso em: 19 dez. 2025.

[13] Pirâmide do Parque do Povo: patrimônio sociocultural e ícone do Maior São João do Mundo chega aos 40 anos em 2026. Fatos PB. Disponível em: https://shre.ink/AXGk. Acesso em: 19 dez. 2025.

[14] Arena Cidade: história, arte e cultura em pleno coração do Maior São João do Mundo. Disponível em: https://shre.ink/AXG2. Acesso em: Acesso em: 19 dez. 2025.

.

A atenção dada aos espaços patrimoniais evidencia que o Repórter Educom vai além da cobertura de eventos. Os textos oferecem uma leitura contextualizada e crítica do São João ao destacar, por exemplo, a importância histórica de espaços como a Pirâmide do Parque do Povo, bem como seu papel na preservação das tradições culturais e na construção da identidade local. Além disso, as matérias valorizam a participação dos sujeitos envolvidos na festa e evidenciam como esses espaços funcionam como mediadores de memória e pertencimento. Assim, tanto o patrimônio material quanto o imaterial funcionam como instrumentos de preservação das tradições, fortalecendo os vínculos que identificam o grupo e contribuindo para a valorização da diversidade cultural. A análise revela, portanto, que os textos reforçam a compreensão do festival como um patrimônio social vivo, no qual memória, cultura e práticas simbólicas se articulam com a experiência cotidiana da comunidade, alinhando-se ao princípio educativo e conscientizador da educomunicação.

5.2 Relato da produção - Discussão e resultados

Este tópico se dedica à apresentação e discussão do material empírico coletado durante a pesquisa, com foco no fenômeno da cobertura jornalística realizada pelo projeto Repórter Educom no São João de Campina Grande 2025. Conforme delineado na metodologia, o trabalho de campo foi conduzido por meio de uma combinação metodológica de técnicas qualitativas, uma delas é a Pesquisa Participante que segundo André (2012, apud Velloso et al., 2022, p.7) é “entendida como aquela em que os (as) participantes estejam envolvidos em diferentes etapas da pesquisa, inclusive na própria definição do problema a ser pesquisado”. Assim, por meio da observação participante do autor será possível aplicá-la no contexto das atividades de produção, acompanhamento e publicação das matérias durante o evento.

O segundo método empregado foi entrevistas em profundidade, segundo DUARTE 2005:

> A entrevista em profundidade é um recurso metodológico que busca recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações relevantes ao estudo (…), permitindo a exploração aprofundada de temas, processos e significados por meio da interpretação crítica do pesquisador. (Duarte, 2005, p.65)

Diante disso, a apresentação dos dados está estruturada para integrar as vivências do pesquisador, capturadas pela observação participante, com as falas e interpretações dos sujeitos da pesquisa (os entrevistados), que foram obtidas por meio dos docentes responsáveis pela orientação dos estudantes participantes, levando em conta a estrutura organizacional do

projeto, na qual os docentes atuam como articuladores das atividades, o que influenciou a definição do recorte metodológico adotado. Esses sujeitos estão organizados como entrevistados 1, 2 e 3, sem identificação nominal, com o objetivo de preservar a identidade dos participantes, permitindo acessar diferentes níveis de compreensão e atuação dentro da iniciativa. O questionário aplicado na pesquisa encontra-se disponível no apêndice A.

No contexto das práticas educomunicativas, o projeto Repórter Educom se apresenta como uma iniciativa voltada à formação crítica por meio da comunicação. Segundo o entrevistado 2, o projeto é "um campo de formação prático e cidadão, que precisa ser experienciado de modo crítico. Portanto, o objetivo do projeto me parece ser a mediação entre a comunidade e a construção de senso crítico por meio da atividade jornalística emancipadora."

Essa compreensão aponta para um fazer jornalístico comprometido não apenas com a produção de conteúdos informativos, mas também com a formação crítica dos estudantes e com o diálogo social. Relacionando-se diretamente com os resultados da Análise de Conteúdo, mostram predominância das categorias relacionadas ao patrimônio cultural imaterial, revelando que as matérias priorizaram diferentes áreas temáticas, como música, culinária, religiosidade, símbolos e tradições coletivas.

Na mesma direção, o Entrevistado 3 destaca o caráter pedagógico e experimental do projeto ao afirmar que seu objetivo é "possibilitar o exercício prático dos discentes do curso no campo da produção midiática, jornalística e educomunicativa, tendo como ambiente laboratorial a cobertura de tais iniciativas culturais". Essa perspectiva reforça o entendimento do Repórter Educom como um laboratório de aprendizagem, no qual o evento cultural deixa de ser apenas objeto de cobertura e passa a ser também um espaço de experimentação metodológica e formativa.

No que se refere à valorização da cultura popular nordestina, os entrevistados destacam que a cobertura realizada pelo projeto Repórter Educom se ancora em pautas que priorizam as raízes culturais e os sujeitos historicamente vinculados às manifestações juninas. Essa valorização ocorre por meio da escolha de temas que enfatizam as práticas culturais tradicionais, bem como da abertura de espaço para a fala de pessoas e grupos responsáveis pela representação das manifestações genuinamente nordestinas, aspecto apontado pelo Entrevistado 1. Além disso, conforme ressaltado pelo Entrevistado 3, o projeto se diferencia "pelo cuidado em resgatar informações sobre essas práticas culturais, produzir conteúdos atentos aos princípios educomunicativos e conseguir veicular as matérias em meios de comunicação de circulação nacional."

Esse aspecto evidencia o potencial do projeto em aliar formação crítica, valorização cultural e visibilidade ampliada, reforçando seu papel enquanto iniciativa educomunicativa no contexto da cobertura do São João. Assim, tal perspectiva foi confirmada pela observação participante, uma vez que se percebeu o esforço da equipe em direcionar o olhar jornalístico para artistas locais, grupos culturais e práticas tradicionais que, muitas vezes, não ocupam espaço central na cobertura da mídia hegemônica.

A diferenciação entre a abordagem do Repórter Educom e a da mídia tradicional também foi um aspecto recorrente nas entrevistas. O Entrevistado 2 reconhece que, em termos operacionais, existem aproximações com a dinâmica da mídia convencional, sobretudo na sistematização e circulação dos conteúdos em portais e plataformas digitais. No entanto, ressalta que "o fazer educomunicativo, a partir do projeto, se distancia basicamente da lógica de produção, sendo mais horizontalizado e preocupado com a inclusão e a visibilização de elementos culturais que geralmente não recebem destaque na lógica hegemônica".

De modo semelhante, o Entrevistado 3 reforça que o diferencial da cobertura esteve na escolha editorial e no enfoque das narrativas, voltadas para a valorização da cultura local, o destaque a ações de caráter participativo na festividade junina e o fortalecimento da tradição cultural. Essa preocupação se materializou em conteúdos que priorizaram o caráter educativo e cultural da informação, ampliando o entendimento do São João para além do espetáculo midiático, conforme indicado pelo entrevistado ao mencionar o compromisso da cobertura em "abordar a cultura local, destacar ações de caráter participativo na festividade junina e reacender a nossa tradição cultural".

Quanto aos desafios enfrentados, o Entrevistado 2 aponta dificuldades que atravessam tanto a formação dos estudantes quanto a própria estrutura do projeto. Entre os principais desafios, destacam-se: a) a compreensão da educomunicação como práxis também no campo jornalístico, enfrentada por meio de discussões teóricas e práticas ao longo das atividades do projeto; b) a não reprodução de modelos da mídia hegemônica, trabalhada a partir da construção de uma abordagem crítica e participativa nas produções; c) a diversificação dos formatos de circulação dos conteúdos, buscada com a experimentação de diferentes linguagens e plataformas; d) a mensuração do impacto efetivo do projeto na formação dos estudantes e na cultura local, que ainda se apresenta como um desafio em construção; e) a dependência de recursos e de infraestrutura adequada, parcialmente superada por meio do uso de recursos disponíveis; e f) o relacionamento do projeto com as disciplinas de formação do curso, que vem sendo articulado de forma gradual.

No contexto da observação participante, esses desafios dialogam diretamente com a vivência do pesquisador, especialmente no que se refere à necessidade de manter uma prática jornalística coerente com os princípios educomunicativos ao longo do período do evento, bem como ao esforço constante para não reproduzir modelos da mídia hegemônica.

Portanto, a articulação entre observação participante, as entrevistas e a análise das matérias demonstra que o Repórter Educom vai além da cobertura do São João de Campina Grande 2025, ao promover a formação crítica dos estudantes e transformar o evento em um espaço de aprendizagem. O conteúdo produzido não apenas registra a festa, mas contribui para a valorização das tradições locais e para a visibilização de artistas, brincantes e demais agentes culturais, assumindo um papel formativo e culturalmente significativo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo analisar de que maneira a cultura popular nordestina é representada na cobertura jornalística da 42ª edição d'O Maior São João do Mundo, realizada em 2025, a partir da atuação do projeto universitário Repórter Educom, do curso de Educomunicação da UFCG. Partindo dos pressupostos teóricos da cultura, da representação midiática e da Educomunicação, buscou-se compreender como o jornalismo educomunicativo pode contribuir para uma abordagem mais crítica, participativa e sensível das manifestações culturais populares, especialmente em um evento marcado pela forte presença midiática e pela lógica do espetáculo.

A partir do referencial teórico adotado, foi possível compreender a cultura popular como um processo dinâmico e historicamente construído, conforme aponta Hall (2006), ao afirmar que a cultura opera como um sistema de significados que organiza identidades, práticas sociais e formas de pertencimento. Nesse sentido, o São João de Campina Grande configura-se como um espaço simbólico privilegiado, onde tradição e modernidade se articulam, revelando identidades em constante transformação. Tal compreensão rompe com visões fixas ou folclorizadas da cultura nordestina, reconhecendo-a como viva, plural e atravessada por disputas simbólicas. Ao mesmo tempo, é importante adotar um olhar crítico sobre o evento, considerando que sua grande dimensão turística e midiática pode contribuir para processos de espetacularização e mercantilização da cultura, nos quais determinadas manifestações ganham mais visibilidade em detrimento de outras. Dessa forma, o São João também se apresenta como um espaço de tensões, onde interesses econômicos, culturais e midiáticos se entrecruzam.

Os resultados da Análise de Conteúdo demonstram que o Repórter Educom constrói narrativas que valorizam elementos do patrimônio cultural imaterial e material, como a culinária típica, a musicalidade do forró, as quadrilhas juninas, os saberes populares, os espaços simbólicos e os sujeitos historicamente invisibilizados pela mídia hegemônica. Ao priorizar histórias de músicos locais, quadrilheiros, artesãos, comerciantes e símbolos tradicionais da festa, o projeto distancia-se de uma cobertura centrada apenas em grandes atrações e números econômicos, frequentemente destacada pelos meios de comunicação comerciais.

Esse movimento dialoga diretamente com os estudos de Canclini (2008), ao evidenciar o caráter híbrido da festa junina, na qual práticas tradicionais coexistem com elementos da cultura de massa e da indústria do entretenimento. No entanto, ao contrário de uma lógica que transforma a cultura popular em mercadoria, a cobertura educomunicativa analisada busca ressignificar esses elementos, apresentando-os como expressão de identidade, memória coletiva e resistência cultural.

No campo da comunicação, os resultados reforçam o entendimento de que a mídia não apenas reflete a realidade, mas a constrói discursivamente, conforme discutido nos estudos sobre representação cultural. Ao optar por enquadramentos que destacam a dimensão educativa, cidadã e cultural do São João, o Repórter Educom atua como um mediador social, contribuindo para a formação de uma leitura mais crítica do evento e para a valorização das narrativas locais, em contraposição aos estereótipos historicamente associados ao Nordeste.

A partir dos fundamentos da Educomunicação, conforme discutido por Kaplún (1998) e Almeida (2024), observa-se que o projeto analisado materializa princípios como o diálogo, a participação e a produção coletiva de sentidos. A experiência extensionista possibilitou aos estudantes uma prática jornalística comprometida não apenas com a informação, mas também com a formação cidadã, promovendo um aprendizado que integra teoria e prática, em consonância com o papel social da universidade pública.

Do ponto de vista metodológico, a combinação entre Análise de Conteúdo, Pesquisa Participante e Entrevistas em Profundidade mostrou-se adequada para compreender tanto os produtos jornalísticos quanto os processos formativos envolvidos na produção das matérias. Essa abordagem permitiu identificar padrões discursivos, temáticas recorrentes e valores educomunicativos presentes na cobertura, confirmando a hipótese de que o Repórter Educom contribui para uma representação mais humanizada e contextualizada da cultura popular nordestina. Por fim, este estudo evidencia que iniciativas de jornalismo educomunicativo, como o Repórter Educom, possuem potencial significativo para ressignificar a cobertura de

grandes eventos culturais, ampliando o olhar sobre a cultura popular para além do espetáculo e do consumo. Ao valorizar saberes, memórias e sujeitos locais, o projeto reafirma o papel do jornalismo como prática social, educativa e transformadora, contribuindo para a preservação da identidade cultural nordestina e para a construção de uma comunicação mais democrática e inclusiva.

Como possibilidade de continuidade, sugere-se a ampliação de estudos que investiguem o impacto desse tipo de cobertura junto ao público, bem como análises comparativas entre produções educomunicativas e mídias hegemônicas, aprofundando o debate sobre o papel da comunicação na valorização da cultura popular brasileira. Conclui-se, portanto, que o Repórter Educom evidencia o potencial da Educomunicação aplicada ao jornalismo cultural, mostrando que é possível produzir informação aliada à educação, à valorização cultural e ao fortalecimento das identidades locais, contribuindo para uma comunicação mais democrática e socialmente comprometida.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lígia Beatriz Carvalho de. **Projetos de intervenção em educomunicação**. Campina Grande: EDUFCG, 2024.

ALVES, Elder Patrick Maia. Diversidade Cultural, Patrimônio Cultural Material e Cultura Popular: a Unesco e a Construção de um Universalismo Global. **Revista Sociedade e Estado**, [S. l.], v. 25, n. 3, p. 539-560, set./dez. 2010

ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 1981. p.16

ARAÚJO, Adriano; SOUSA, Emmanuel. Memória: O Parque do Povo. **Retalhos Históricos de Campina Grande** (blog), 28 jun. 2017. Disponível em: https://cgretalhos.blogspot.com/2017/06/memoria-o-parque-do-povo.html. Acesso em: 6 nov. 2025.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES E PROFISSIONAIS EM EDUCOMUNICAÇÃO (ABPEDUCOM). **Conceito de educomunicação**. Disponível em: https://abpeducom.org.br/educom/conceito/. Acesso em: 13 fev. 2026.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas:** estratégias para entrar e sair da modernidade. 4 ed. 4 reimpressão. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

CARDILO, Camila Moura. O Forró "Pé de Serra" e a Motivação dos Jovens Forrozeiros de Belo Horizonte. **Licere**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, jun./2012.

CARVALHO, Bruna Franco Castelo Branco; COSTA, Claudiene dos Santos. Festas de São João: Das Origens à Atualidade. In: RIBEIRO, Rita; ARAÚJO, Emília; SILVA, Márcia; FERNANDES, Alberto (ed.). **Festividades, Culturas e Comunidades:** Património e Sustentabilidade. Braga: UMinho Editora, 2022. p. 73–83. Disponível em: https://ebooks.uminho.pt/index.php/uminho/catalog/book/73. Acesso em: 15 nov. 2025

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

CASTRO, Janio Roque Barros de. **Da casa à praça pública**: a espetacularização das festas juninas no espaço urbano. Salvador: EdUFBA, 2012. 340 p., il., 24 cm. Bibliografia: p. 317-340. ISBN 9788523209568.

CNN Brasil. Festas juninas devem movimentar R$ 7,4 bi, com maior impacto no Nordeste. **CNN Brasil**, 10 jun. 2025. Disponível em: https://sl1nk.com/1g36q3r. Acesso em: 15 nov. 2025

Diario de Pernambuco. São João 2025: Petrolina terá 66 dias de programação de festas juninas. **Diário de Pernambuco**, 03 abr. 2025. Disponível em: https://sl1nk.com/4s2dati. Acesso em: 15 nov. 2025.

DUARTE, Jorge. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRAS (FORPROEX). **Política Nacional de Extensão Universitária.** Manaus: FORPROEX, 2012.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 14. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

FREITAS, Lucas. A Evolução do Jornalismo na Era Digital. **Rabisco da História**, [s.d.]. Disponível em: https://rabiscodahistoria.com/a-evolucao-do-jornalismo-na-era-digital/. Acesso em: 10 nov. 2025.

G1 Paraíba. Área do São João de Campina Grande passou por ampliação de 7.500 m²; fotos mostram antes e depois. **G1**, 29 mai. 2024. Disponível em: https://acesse.one/ldh53l3. Acesso em: 10 fev. 2026.

Governo do Estado de Sergipe. Crescimento do fluxo de turistas posiciona festejos juninos de Sergipe entre os principais do país. **Agência de Notícias de Sergipe**, 10 nov. 2025. Disponível em: https://l1nk.dev/zx59ro7. Acesso em: 15 nov. 2025.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. (p.50)

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Patrimônio Imaterial.** 2014. Disponível em: https://www.iphan.gov.br/portal/Patrimonio-Imaterial.html. Acesso em: 15 nov. 2025.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

JORNAL DA PARAÍBA. São João de Campina Grande recebe título de maior do Brasil. **Jornal da Paraíba**, 11 jul. 2022. Disponível em: https://l1nq.com/g4a8h1f. Acesso em: 13 nov. 2025.

LIMA, Elizabete Cristina de Andrade. **A fábrica dos sonhos:** a invenção da festa junina do espaço urbano 2°ed. Campina Grande: EDUFCG,2008

MAESTROVIRTUALE. Hibridização Cultural: processo, tipos e exemplos. **Maestrovirtuale – Cultura Geral**. São Paulo, 23 fev. 2024. Disponível em: https://maestrovirtuale.com/hibridizacao-cultural-processo-tipos-e-exemplos/ . Acesso em: 11 nov. 2025.

Metrópoles. São João de Caruaru atrai 4 milhões de pessoas e movimenta R$ 738 mi. **Metrópoles**, 2 jul. 2025. Disponível em: https://l1nk.dev/uzsjqql. Acesso em: 15 nov. 2025

MORIGI, Valdir José. **Imagens recortadas, tradições reinventadas:** as narrativas da festa junina em Campina Grande-Paraíba. 2001. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

MOURA, A. S.; SILVA, J. D. A. Inter-relações entre Jornalismo e Educomunicação na concepção do Jornalismo Educomunicativo. **Âncora - Revista Latino-americana de Jornalismo**, João Pessoa, v. 6, n. 1, p. 29-46, jan./jun. 2019. Acesso em: 22 mar. 2026.

PENNA, Maura. **O que faz ser nordestino**: identidades sociais, interesses e o "escândalo" Erundina. 2. ed. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1992.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE. O Maior São João do Mundo 2025 tem público de 3,2 milhões de visitantes. **G1**, 07 jul. 2025. Disponível em: https://l1nk.dev/sv0fdr0. Acesso em: 15 nov. 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE. **O Maior São João do Mundo:** edição 2025 supera os R$ 742 milhões de movimentação econômica. Campina Grande: Prefeitura Municipal de Campina Grande, 06 ago. 2025. Disponível em: https://l1nk.dev/na9phay. Acesso em: 15 nov. 2025.

RANGEL, Lúcia Helena Vitalli. **Festas Juninas, Festas de São João**: Origens, Tradições e História. São Paulo: Editora XYZ, 2008.

RODRIGUES, Amanda Caroline; STUDART, Hugo. Cultura espetáculo: a dissonância entre a interculturalidade da sociedade pós-moderna e a cobertura jornalística das editorias de cultura em Brasília. In: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2015, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: INTERCOM, 2015.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação**: o conceito, o profissional, a aplicação. São Paulo: Paulinas, 2011.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. **Comunicação & Educação**, São Paulo, Brasil, n. 19, p. 12–24, 2000. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v0i19p12-24. Disponível em: https://revistas.usp.br/comueduc/article/view/36934. Acesso em: 22 mar. 2026.

SOUSA, Alexandro. A evolução do jornalismo: da antiguidade à era digital. **Teixeira Urgente**, 06 fev. 2025. Disponível em: https://l1nq.com/zd4mmql. Acesso em: 10 nov. 2025.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história breve do jornalismo no Ocidente.** Disponível em: https://l1nk.dev/6hv9p9i; Acesso em: 09 dez. 2025.

TAVARES, Maria Carolina Ildefonso**. Cultura de massas versus cultura popular no evento do Maior São João do Mundo em Campina Grande - PB. 2024**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2024

VELLOSO, Livia Roberta da Silva *et al.* Pesquisa participante na Educação Física Escolar: o estado da arte. **Movimento**, p. e28059–e28059, 8 nov. 2022.

APÊNDICE A — QUESTIONÁRIO APLICADO AOS DOCENTES SOBRE A ATUAÇÃO DO REPÓRTER EDUCOM

Este instrumento de coleta de dados integra a pesquisa de campo deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). O questionário foi aplicado por meio de formulário eletrônico (Google Forms), com o objetivo de analisar a percepção dos docentes sobre as atividades desenvolvidas pelo projeto durante o evento.

O acesso completo às respostas pode ser consultado no seguinte link:

Pesquisa de Percepção Docente sobre o Repórter Educom (respostas)

Perguntas elaboradas:

1. Qual função você exerceu especificamente dentro do projeto (coordenação, supervisão de campo, etc.)?
2. Na sua opinião, qual é o objetivo principal do projeto Repórter Educom?
3. Na sua perspectiva, a cobertura realizada pelo Repórter Educom se diferencia da abordagem da mídia tradicional sobre o São João de Campina Grande, 2025? Se sim, de que maneira essa diferença aparece no conteúdo produzido?
4. Como você percebe a contribuição do projeto para a valorização da cultura popular nordestina?
5. Quais foram os principais desafios enfrentados pelos estudantes e pela equipe ao aplicar uma abordagem educomunicativa na cobertura do São João 2025?